



Tukuna nawa itsunim
Nosso mundo Kanamari



Semana dos Povos Indígenas 2010
18 a 24 de abril

Amiga e amigo!

“Tukuna Nawa Itsunim – Nosso mundo Kanamari” é o tema deste caderno da Semana dos Povos Indígenas. Através dele, o povo Tukuna, como se autodenomina o Kanamari do Amazonas, fala sobre o seu mundo e a sua forma de vida. Quer apresentar-se como parte da sociedade nacional, mas com características culturais específicas. Propõe falar como é o seu dia-a-dia, como é a sua religiosidade, como se relaciona com os animais, com as plantas e com todas as outras espécies e seres.

O povo Kanamari nos remete a um universo de sabedorias e de traços culturais milenares, que representam uma fonte de aprendizagem para toda a sociedade nacional. Também nos motiva a conhecer um pouco mais da realidade brasileira caracterizada pela pluralidade étnica e cultural.

A primeira parte do caderno é elaborada para crianças. A segunda volta-se para o público juvenil, servindo também como fonte de informações para as pessoas que irão orientar e animar as reflexões. A terceira parte traz orientações pedagógicas de como trabalhar de forma didática e contextualizada com o caderno e o cartaz. As entrevistas na íntegra, os desenhos elaborados pelos Kanamari, bem como informações complementares, podem ser encontradas no site www.comin.org.br.

O desejo do povo Kanamari, assim como o do COMIN, é que na leitura deste caderno, com falas, desenhos e fotos oferecidos por ele, novas práticas de conhecimento sejam percebidas. Para isto, é necessário mergulhar na perspectiva do outro, da outra, constituída com um ponto de vista próprio.

TUKUNA NAWA ITSUNIM NOSSO MUNDO KANAMARI

Responsabilidade: ISAEC/DAI - COMIN

Organização: Cledes Markus.

Autoria dos textos: Parawi Miguel Kanamari, Manoel Daora Kanamari, Pima Cleuzael Kanamari, Hidoni Pedro Kanamari, Dapuma André Kanamari, Ahe Joabes Kanamari, Manoel Daora Kanamari, Edimilson Panawã Kanamari, Ton Antônio Alexandre Kanamari, Pino Kanamari.

Pesquisa: Walter Werner Paul Sass, Abraão Nilo Givago Schäfer e Rogério Sávio Link.

Desenhos: Oki; Kovaú, Raimundo, Tano Roberto, Paranem Manoel, Oyam, Deom Raimodo, Podak, Durukuarm, Audija, Mokonada, Eliani, Iko, Konko, Tukuna, Manoel Daora, Aro José Sarney, Oki José, Pima Cleuzael, Tano, Parariwa Leonardo, Miguel, Djaula Alonso, Pima Manoel Ahe Joabes, Parawi Miguel, Ton Antônio, Parawe.

Aldeias envolvidas: Aldeia Matrinxá, Aldeia Flexal, Aldeia Taquara, Aldeia Irmão Unido, Aldeia Beija-Flor, Aldeia São João.

Elaboração pedagógica: Sônia Luísa Trapp Mees e Maria Ione Pilger.

Colaboração na elaboração: Maria Dirlane Witt, Lori Altmann, Cledes Markus, Maria Cristina Rieth, Erny Mügge, Walter Werner Paul Sass, Abraão Nilo Givago Schäfer e Rogério Sávio Link.

Diagramação: Allegra Comunicação – **Impressão:** Evangraf.

Capa e cartaz: Walter Werner Paul Sass e Abraão Nilo Givago Schäfer.

Fotografias: Walter Werner Paul Sass, Abraão Nilo Givago Schäfer e Rogério Sávio Link.

Realização: COMIN em parceria com Departamento de Educação Cristã da IECLB.

Apoio: Igreja Evangélica Luterana da Baviera (ELKB), Kerkinactie da Holanda, Kirchen Helfen Kirchen e VELKD da Alemanha.

1ª Edição: 40 mil exemplares.

ISBN 978-85-7843-108-2

Sumário

O POVO KANAMARI _____	3
O NOVO – VELHO MUNDO KANAMARI _____	17
COMO TRABALHAR COM O CADERNO E O CARTAZ _____	24

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 - B. Scharlau - Cx. P. 1081 - 93121-970 São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848 / contato@oikoseditora.com.br / www.oikoseditora.com.br



O POVO KANAMARI



O povo Kanamari, para ir de um lugar para outro, caminha por trilhas estreitas na mata ou por varadouros. Também navega com canoas por rios e igarapés. Estes meios são usados, pois a maioria do povo vive na região amazônica, no Estado do Amazonas. Veja o mapa!



Varadouro: caminho mais largo do que uma trilha, usado para ir de um lugar para o outro através da floresta.

Igarapé: pequeno rio, às vezes navegável.



Em 2006, a população Kanamari era de 1.654 pessoas. Antes disso, a população era muito maior. Também tinha muito mais terras. Desde que os não-indígenas começaram a extrair a borracha na Amazônia, no século XIX, o seu território e a sua população foram diminuindo.

O professor Ton Antônio Alexandre Kanamari, da Aldeia São João, Rio Xeruã-Curabi/Itamarati/AM, conta que “antigamente os mais velhos trabalhavam muito mais. Eles não ganhavam nada no tempo da borracha. Nesta época, viviam como escravos. Eles não podiam plantar. Só faziam compras de farinha e mercadoria em troca de produtos de borracha. Os cariú (não-indígenas) enganavam no peso da borracha e na mercadoria”.

Os Kanamari, então, com coragem, buscaram formas para mudar esta situação. Conhecer o seu jeito de viver é descobrir um pouco do que eles fazem para enfrentar os desafios e vivenciar a sua cultura.

ALEGRIA E SOLIDARIEDADE JEITO DE SER KANAMARI

A aldeia

As aldeias Kanamari se localizam próximas do rio Xeruã. As casas são em estilo palafita. Ficam ao redor de um terreiro, onde se realizam as brincadeiras, os cantos e as festas.

Para o povo Kanamari, as festas são muito importantes. Há duas festas que se destacam: o Pidah-páh, Ritual da Onça, e a festa do Kohana-páh.

O Ritual da Onça se festeja quando todo mundo se sente bem. A onça é muito respeitada pelo povo. Ela é considerada a guardiã da floresta. Na festa, os Kanamari imitam a onça, e alguns usam uma vestimenta especial para representá-la.

O Kohana-páh celebra a colaboração que existe entre homens e mulheres na busca de comida para a comunidade.

Estas festas mostram o respeito e o cuidado com tudo o que faz parte da vida: pessoas, animais, plantas, frutos, água, terra. O respeito e o cuidado também estão presentes nos cantos, nos mitos e no jeito de viver Kanamari.

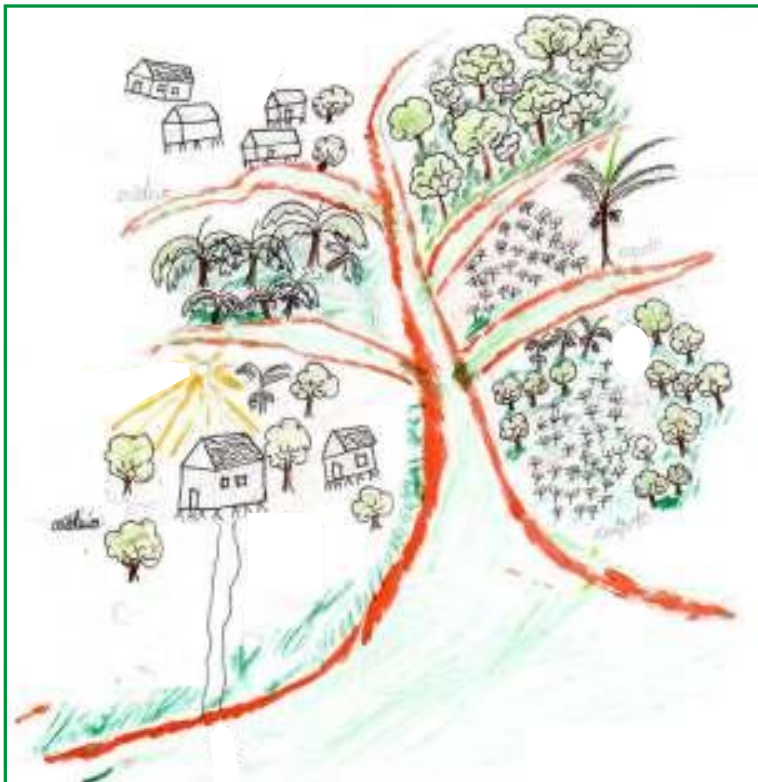
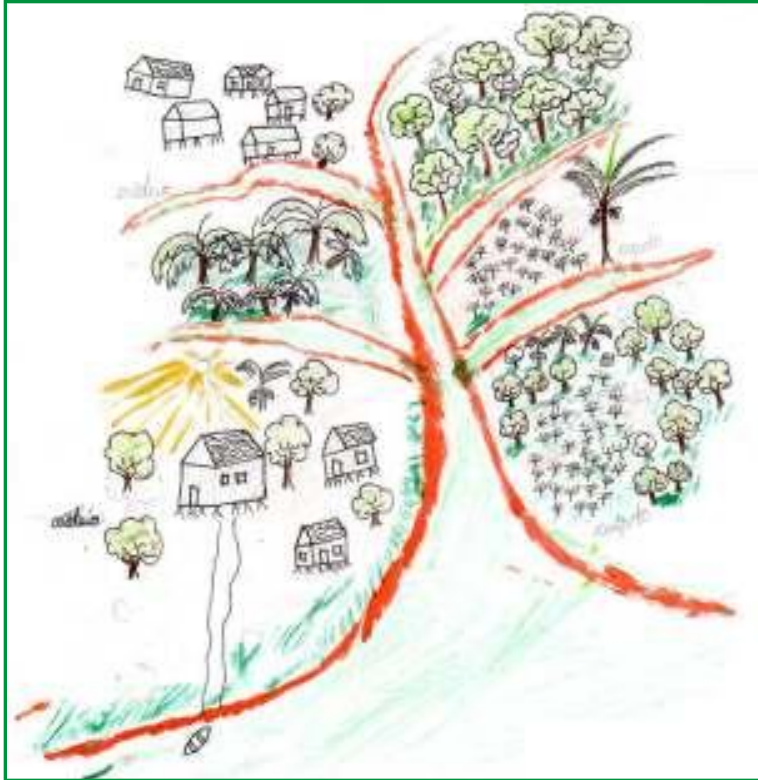


Mitos

Narrações com verdades e significados importantes para um povo. Podem falar sobre a origem do povo, a história ou acontecimentos marcantes. Os mitos são contados como forma de ensinar as novas gerações.



Descubra as sete diferenças no desenho que mostra a localização de uma aldeia Kanamari. Ali aparece o rio, a mata e o roçado. O autor é Ahe Joabes Kanamari.





Educação Kanamari

As crianças e os jovens aprendem ouvindo mitos, músicas e participando de brincadeiras, rituais, atividades e acontecimentos da aldeia. Os filhos acompanham o pai na caça, na pesca e na derrubada da mata. As filhas aprendem com as suas mães os trabalhos da casa, do roçado e da coleta.

Os cantos estão presentes no dia-a-dia do povo. Muito se ensina e se aprende com eles. Mulheres, homens e crianças cantam enquanto realizam as suas tarefas, brincam ou andam na mata. Também existem cantadoras na aldeia. São as pessoas mais velhas que ensinam as mais jovens a serem cantadoras.





O começo de tudo

O professor Ahe Joabes Kanamari, da Aldeia Taquara, conta o mito da criação do mundo. Ele explica a criação do povo Kanamari e dos outros povos.

“Antigamente, no início do mundo, não existia nenhum homem Kanamari nem outros povos. Tamah e Kirak, os dois companheiros irmãos, dão origem ao mundo Kanamari. O primeiro homem que surgiu na face da terra foi Tamah. Ele nasceu de uma grande árvore misteriosa. Tamah viveu muitos anos sozinho. Com o tempo, começou a sentir falta de companhia, então criou Kirak, seu irmão. Tamah e Kirak tinham poderes especiais. Eles eram, e são até hoje, os mais sábios do mundo, por isso, no dia seguinte, tiveram uma boa ideia. Criaram os seres humanos Kanamari dos cocos abençoados Aricuri pequenos. Dos cocos Aricuri grandes e outras frutas, criaram as outras nações humanas.

Foi assim que os poderosos criaram os seres humanos através de cocos e frutas. Tamah desceu do pé de Aricuri e disse, olhando para os caroços que haviam caído: ‘Esses são meus filhos, eles serão obedientes às minhas palavras, eles estão ao meu lado, e eu estarei com eles sempre onde quer que estejam’.”

Canto para pesca

Koya tsainem novadji koya tsainem novadji ôkabobokam
ôkabobokam yawari yawari. Adâh itûh djawaironatso adâh
itûh djawaironatso itûh tsabau djahi itûh tsabaudjahi.

Eu vou para a beira do igarapé, eu vou para a beira do
igarapé, cantando, cantando e dizendo: “Cai muito coco Joari
na beira do igarapé”. Os peixes estão respondendo:
“Nós vamos comer, nós vamos comer, ficaremos com o rabo
de fora, ficaremos com o rabo de fora”.



*Veja a explicação do canto
na página seguinte*

Tsimo Kanamari, da Aldeia Irmãos Unidos, Itamarati/AM, explica o canto:

“Quando a gente canta esta música, a mãe da água manda os peixes comerem os cocos Joari e quer ajudar a pessoa que cantou. Os Kanamari cantam esta música na festa no terreiro ou quando vão pescar com flechas ou anzóis para que os peixes fiquem mansos, para a felicidade de todos. Enfim, também para que o dono do peixe saiba que vamos pescar. Nós cantamos esta música para o dono do peixe saber que aqui estão caindo muitas frutas e para que fique animado”.

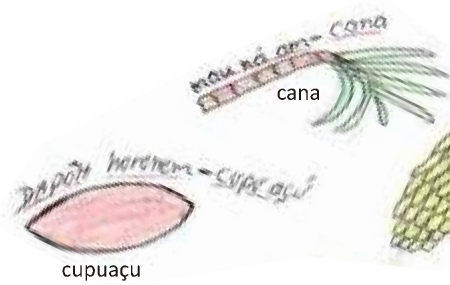
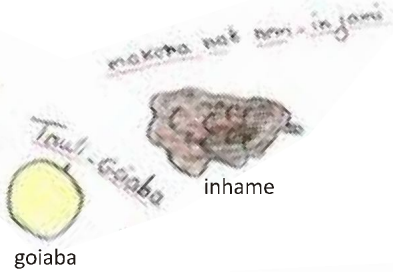
Os Kanamari aprendem que não devem pescar peixe pequeno e não mais do que o necessário para alimentar as pessoas da aldeia. Estes cuidados são lembrados em relação a toda natureza. Todos sabem que dali vem o seu sustento. Muitas vezes, tudo isto é ameaçado por não-indígenas que praticam a pesca predatória e que entram nas terras Kanamari sem autorização.

Os Kanamari vivem da pesca, da caça, da coleta de frutas e da agricultura. No roçado, plantam vários alimentos. O principal é a macaxeira, também conhecida como aipim. Com ela se faz a caissuma, uma bebida usada no dia-a-dia e nos rituais, e o beiju.



No caça-palavras, descubra outros alimentos colhidos ou plantados pelos Kanamari.

B	H	J	R	M	I	L	H	O	R
G	V	K	X	B	H	J	M	C	C
O	F	C	A	J	U	E	L	I	A
I	B	U	N	M	K	I	L	O	N
A	C	P	V	B	A	N	A	N	A
B	X	U	Z	I	N	H	L	J	V
A	Q	A	S	A	Z	A	H	J	C
V	C	Ç	B	N	M	M	K	L	A
T	R	U	E	A	X	E	C	B	R
M	A	R	A	C	U	J	Á	R	Á





A natureza fornece alimentos e também recursos necessários para curar algumas doenças. Alguns são: casca de paracanaúba, cipó tuíra, sementes de mamão e gerimum, mel de abelha, óleo de copaíba, couro de peixe-boi seco.

Na aldeia, o rezador ou a rezadora e o pajé ou a pajé cuidam das pessoas doentes e ensinam o que é preciso fazer para cuidar da saúde. As crianças Iba e Hidji descrevem o que fazem o rezador e o pajé: “Rezador é o que cura as crianças para ficarem boas. Pajé é o médico para tratar a gente. Pajé é igual ao rezador, tira folha de buriti, aí canta até o dia amanhecer”.

Brincadeiras Kanamari

As brincadeiras são momentos de integração e descontração em que toda a comunidade participa: crianças, jovens e adultos. Quando há visitas de outras aldeias, todos são convidados a participar. As brincadeiras acontecem de forma espontânea, isto é, não é preciso organizá-las ou prepará-las com antecedência.

Tsumã

Os homens e os meninos pegam um abacaxi maduro e o enterram no terreiro sem que as mulheres e as meninas vejam. Então, elas são desafiadas a procurar a fruta. As mulheres e as meninas procuram e, quando encontram a cova, tentam tirar o abacaxi. Os homens e os meninos tentam impedir. Todas as mulheres e meninas da aldeia vêm ajudar a pegar o abacaxi.



Hai hai

Ao cair da tarde, os homens e os meninos se reúnem num local distante do terreiro e fazem uma linha com os braços dados. As mulheres e as meninas ficam no terreiro, em círculo, cantando e dançando. Os homens e os meninos vão ao encontro das mulheres e das meninas. Ao se encontrarem, formam um único círculo. Quando troca a música, o círculo muda de posição. Com o círculo formado, a mulher ou a menina tira o homem ou o menino para dançar no meio, como também pode ser o contrário. Ao terminar, cada um leva o seu parceiro ou a sua parceira de volta para o local de onde foram tirados para dançar.



Artesanato

As mulheres e meninas Kanamari fazem diversos cestos com folhas, cipós ou talos. Cada um tem a sua utilidade.



Autor: Ton Kanamari

Descubra no texto abaixo o nome de três cestos e como são usados.
Escreva nas linhas abaixo cada letra, organizando as palavras.



ALBOIA

Feito com cipó. É estreito nas bordas. Usado principalmente para guardar objetos.



IEPANOR

Feito com cipó em diversos tamanhos. Usado para levar ou guardar alimentos e objetos.



ERPIA

Folhas de palmeiras são usadas para confeccioná-lo. Geralmente é feito no mato e usado para carregar alimentos do roçado, caça, pesca, frutos ou lenha para o fogo.

O artesanato mais produzido é aquele utilizado nas atividades domésticas, na caça, na pesca e na coleta. São eles: **balaio, paneiro, peira, pote, prato, tigela, abano para avivar o fogo, vassoura, rede, chapéu**. Parte das vassouras e dos cestos são feitos para a venda. Os Kanamari também confeccionam adornos para enfeitar o corpo.

Além da confecção de cestarias, os Kanamari trabalham com cerâmica, tecelagem e entalhe. Entalhe é o trabalho realizado em madeira na fabricação de canoas e remos.

Ser Kanamari sempre

O cuidado e o respeito com tudo que os cerca, a vida em comunidade, a solidariedade, o riso, a alegria, as festas são marcas dos Kanamari. Como escreve Ahe Joabes Kanamari:

“É muito bom ser Kanamari, viver no mundo de alegria, solidariedade, ânimo. Praticando esportes, realizando festas e rituais, dando continuidade às nossas crenças, fazendo nossa comida tradicional, enfim, vivendo nossa cultura. Me orgulho de ser Kanamari”.



O Novo - Velho Mundo
Kanamari
KANAMARI



Ser Kanamari

Percebendo conhecimentos

Apresentar traços da cultura do povo indígena Kanamari significa compromisso construído e assumido conjuntamente. Inclui relação de troca, sistema que perpassa o modo de viver e ser deste povo.

O Tukuna ou Tâkuna¹, como a pessoa Kanamari chama a si mesmo, pediu para falar. Percebeu que pode e deve apresentar-se, através deste caderno, para a sociedade nacional. O COMIN comprometeu-se em escrever e distribuir o caderno para pessoas e grupos interessados em conhecer **“o nosso mundo Kanamari”**.

Escrever sobre este povo é dizer como se autodefine e se relaciona com outras espécies e seres. Registrar como o povo Kanamari se percebe a si mesmo e as demais espécies, incluindo a sociedade nacional, é ato político. Quem escreve recorta, seleciona, oculta e mostra. Desta forma, apresentamos parte do universo da sabedoria, dos traços culturais específicos, como a cosmovisão, por exemplo. São teorias e práticas construídas e vividas por este grupo, no dinamismo do seu dia-a-dia.



¹ Para os Kanamari, o termo Tukuna ou Tâkuna significa “gente”; portanto, este povo indígena se autodenomina “Gente”.

Percebendo-se a si próprio

“Nós, os verdadeiros” – assim compreende-se este povo. Esta percepção de si possui características, que são peculiares a diversas sociedades ameríndias. Conforme depoimento escrito pelo professor Pima Cleuzael Kanamari, “ser indígena Kanamari é usar a própria língua, produzir a própria comida, realizar festas e cantar no terreiro, fazer rituais e cuidar dos alimentos produzidos pela terra e pela água”.²

Como mostra a capa deste caderno, a cosmovisão deste povo é composta de três esferas: **a aldeia**, grupo local ou terra – nela estão os que nascem e são feitos Kanamari; **o céu** – nesta esfera estão aqueles que não se transformaram, os mortos e os ancestrais; **o nosso lugar** – composta de elementos das duas esferas anteriores, espaço de trânsito entre elas, tendo elementos próprios como a floresta e os animais, incluindo a onça, provedora e guardiã da floresta e dos alimentos, que não precisam ser cultivados pelos humanos.

As três esferas são independentes, mas interagem. Percebe-se isto na linguagem. A palavra **mundo** (itsunim), por exemplo, tem mais significados. É usada, ainda, para **floresta, tempo e lugar**. Nesta única palavra e seus muitos significados, é possível observar essas esferas e sua interligação. A mesma observação podemos fazer a respeito do mito da criação do mundo, na visão do povo indígena Kanamari. (p. 8)



² Depoimento escrito pelo professor, na Aldeia Flexal do rio Xeruã, afluente do rio Juruá, no dia 13 de junho de 2009.

O povo indígena Kanamari divide-se em subgrupos (clãs). Definindo a origem e as características de ser, cada grupo recebe o nome de um animal seguido pelo sufixo djapa, como, por exemplo, Tjonhwak-djapa (gente do tucano), Wiri-djapa (gente da queixada) ou Bin-djapa (gente do mutum).

O primeiro ciclo da borracha na Amazônia, a partir de meados do século XIX, causou a redução dos territórios indígenas, a diminuição de suas populações e a desorganização de suas instituições sociais. Apesar disso, os diferentes subgrupos Kanamari persistem até os dias atuais, com uma frequente interligação entre si, apesar da distância geográfica que os separa. Ocorrem constantes movimentos entre os grupos para realizar visitas, mudar de aldeia, efetuar troca de bens, assim como promover brincadeiras e festas conjuntas. Seguindo pressupostos e princípios do próprio povo, este movimento é regido pelo sistema de reciprocidade. É no constante “dar, receber e retribuir”, que se encontra a possibilidade de reafirmação ou de rompimento de alianças. Isso é fundamental para a sobrevivência dos Kanamari enquanto povo indígena.³



Reciprocidade entre sujeitos

A reciprocidade acontece entre as diferentes esferas da cosmologia deste povo. Na esfera da aldeia, que aprofundaremos aqui, há alegria, canto, festas, visitas, brincadeiras e cordialidades; também, doenças, mortes, disputas e brigas. De forma dinâmica, vivem e se reconstituem no e através do sistema de trocas. A reciprocidade está presente nas relações entre sujeitos. Sujeitos podem ser as pessoas, sejam elas Kanamari, de outros povos indígenas ou não indígenas. A troca também ocorre entre as pessoas e os elementos da natureza (animais, plantas, frutas, fogo). A reciprocidade é a base do sistema e do modo de ser deste povo. Esta troca “[...] tem significação simultaneamente social e religiosa, mágica e econômica, utilitária e sentimental, jurídica e moral”.⁴

³ SASS, Walter (Org.). *Tâkuna Nawa Buh Amteiyam Amkira*. Mito Kanamari, p. 16.

⁴ ALTMANN, Lori. *Madja: Um povo entre a floresta e o rio: Trilhas; da produção simbólica Kulina*. São Bernardo do Campo/SP, 1994.

A troca acontece entre aliados. A visita de uma família a outra aldeia dá início a um ciclo de trocas, por exemplo. Durante a visita, a família que a recebe, oferece alimentos, abrigo e afeto. A família visitante não pode recusar o que lhe é oferecido, especialmente, o alimento. Ela, obrigatoriamente, irá retribuir o que recebeu, acolhendo, depois disso, essa família em sua aldeia e em sua casa.

Neste mesmo sistema e povo indígena, a troca ocorre, também, entre inimigos. Quando uma pessoa é agredida, ela própria, sua família ou grupo, podem vingar este ato. Pode invadir a outra aldeia de surpresa, por exemplo, batendo em alguém da família ou do clã que fez a primeira agressão.

A reciprocidade está presente na relação entre as pessoas Kanamari e a natureza. O alimento plantado nos roçados (como a macaxeira) e aquele retirado da natureza (frutas e peixes) fazem parte de várias atividades rituais e ajuda na animação das aldeias. Está presente em brincadeiras, canções e mitos. Possibilita a permanência das visitas por mais tempo. Os produtos que nascem e crescem no roçado pertencem à família que os prepara, faz o plantio e cuida dele. A colheita pertence à família. Além de colher e utilizá-lo, poderá decidir pelo uso nas trocas e nos rituais coletivos. A terra, durante todo esse processo e depois dos produtos colhidos, é de todo o povo. Outra família pode plantar no mesmo espaço ou até pode deixá-lo sem plantio para a recuperação do solo.



O dinamismo de trocas entre o povo indígena e a natureza está presente nos mitos. De forma viva e constantemente atualizada, são narrados pelas pessoas mais velhas nas aldeias. Normalmente os mitos são contados à noite, na claridade da lua e das estrelas; à luz das lamparinas ou do fogo de chão. O mito da história do fogo mostra muito bem a troca entre sujeitos: pessoas Kanamari e elementos da natureza.



Antigamente, os Tukuna não tinham fogo. Eles se alimentavam de comida crua. Foram para um lugar distante, onde ninguém tinha andado ainda. Lá encontraram o macaco preto que falava a língua do ser humano. Só os macacos tinham fogo e não queriam dar para ninguém. Colocavam a brasa dentro de vários potes de barro e os penduravam numa casa enorme bem alta, para que ninguém roubasse a brasa. Tukuna viu, de longe, o macaco preparando comida, usando o fogo. Sentiu também o cheiro bom da comida. Percebeu que o fogo era muito importante para o seu povo. Na aldeia, contou o que tinha visto. Eles foram buscar o fogo. Não conseguiram tirar a brasa. Então, o jabuti prometeu pegar. Tentou quebrar o pote de brasas e não conseguiu. O veado roxo também tentou e não conseguiu. Este chamou o veado capoeira, que conseguiu quebrar o pote. As brasas caíram para todos os lados. A coruja aproveitou a oportunidade, pegou a brasa e a levou para cima de um pau seco. Lá ficou aguardando os Tukuna. O sapo pediu à coruja um pedaço de brasa. Esta deu, porque pensou que o sapo fosse assoprar o fogo. Mas ele o apagou. Deu outras brasas ao sapo e deu certo. Ela continuou levando o fogo para todos os lugares. Por isto, temos o fogo hoje. A coruja conseguiu o fogo para todos e, inclusive, ensinou os Tukuna a fazer o fogo. O fogo foi descoberto à noite.⁵

⁵ Adaptado de SASS, Walter (Org.). *Tâkuna Nawa Buh Amteiyam Amkira*. Mitos Kanamari, p.43-46.

O mito ilustra afirmações de Eduardo Viveiros de Castro⁶ sobre como os indígenas compreendem a pessoa e a natureza, bem como as relações que se constroem entre elas. Conforme o autor, o ser humano não é o único com voz ativa no mundo, e a natureza não é passiva, neutra e muda. Todos os elementos da natureza (coruja, sapo, veado, macaco, brasa, e todos os demais) são sujeitos ativos. Assim se estabelece uma relação de igualdade entre pessoas e natureza, caracterizada pelo dinamismo de trocas e reciprocidade.⁷

Conhecer para quê?

Conhecer elementos a partir da perspectiva Kanamari leva à reflexão sobre o **porquê** e **para quê** conhecer traços deste povo indígena.

A partir do seu Novo – Velho Mundo, na perspectiva do que é, o povo indígena Kanamari convida para a prática do bem-viver na alteridade. Aponta para a importância da reciprocidade nas relações entre diferentes culturas e sujeitos. Somente assim todos e todas participarão na festa da vida com muita animação e alegria.

Para reflexão

- *Será que a natureza é passiva? No espaço urbano, há natureza? Por que, normalmente, os indígenas em espaços urbanos não são reconhecidos como indígenas? Argumente.*
- *Que razões levam a sociedade nacional a definir, costumeiramente, espaço físico e funções para os indígenas?*
- *Para que serve conhecer traços da cultura indígena na perspectiva do povo Kanamari?*



⁶ Texto *A Natureza em Pessoa: Sobre outras Práticas de Conhecimento*. Encontro “Visões do Rio Babel. Conversas sobre o futuro da bacia do Rio Negro. Instituto Socioambiental e Fundação Vitória Amazônica. Manaus, 22 a 25 de maio de 2007.

⁷ Esta concepção dos indígenas está desenvolvida na teoria do perspectivismo. Para saber mais, veja www.comin.org.br

COMO TRABALHAR COM O CADERNO E O CARTAZ?

Prezado Educador! Prezada Educadora!

O tema deste caderno “Tukuna Nawa Itsunim – Nosso mundo Kanamari” nos remete a um universo de sabedorias e de traços culturais milenares do povo Kanamari, que representa fonte de aprendizagem para toda a sociedade nacional. Além disso, nos motiva a conhecer um pouco mais sobre a realidade brasileira caracterizada pela pluralidade étnica e cultural.

Assim, a partir das falas, das fotos e dos desenhos oferecidos pelas aldeias Kanamari, se deseja que novas práticas de conhecimentos sejam percebidas. Para isto, no entanto, é fundamental mergulhar na perspectiva Kanamari.

Entre as peculiaridades apresentadas, está o sistema de reciprocidade que perpassa todo o modo de viver e ser deste povo. O dinamismo de trocas está presente nas atividades cotidianas, nos ritos, nos mitos, nas festas, na expressão religiosa, na produção e no consumo de alimentos, nas brincadeiras, nas relações entre as pessoas e destas com a natureza. É no constante dar, receber e retribuir que se encontra a possibilidade de afirmação de alianças, da continuidade das boas relações e da prática do bem-viver na solidariedade e na alteridade.

O povo indígena Kanamari, apresentado neste caderno em sua forma de viver e de relacionar-se, nos desafia à vivência solidária na alteridade como prática constante em nossa vida.

O caderno pode ser lido e estudado individualmente ou em grupo. Durante a leitura, crianças e jovens são estimulados a pensar sobre a forma de viver do povo Kanamari. Vários exercícios buscam despertá-los para identificar elementos que são importantes para o povo Kanamari.

Ao trabalhar o caderno em grupo, a tarefa da pessoa que orienta será a de animar e facilitar descobertas, criar condições para que crianças e jovens vivenciem e compartilhem suas experiências e conhecimentos sobre os povos indígenas, sempre relacionando-os com a história de vida do seu próprio povo ou da própria comunidade.



Na orientação de um estudo em grupo, é importante:

a) Preparar o estudo, lendo todo o caderno, mesmo que o encontro seja somente com crianças. Na segunda parte, há informações adicionais sobre o tema.

b) Planejar o encontro. O material traz as informações, mas não a descrição de como o encontro poderá ser organizado. É necessário pensar como será a abertura, a motivação para iniciar a discussão sobre o tema, as atividades a serem realizadas e o encerramento ou a continuidade num próximo encontro.

c) Criar um espaço de participação para que crianças e jovens formulem suas perguntas e pesquisem possíveis respostas.

d) Adaptar as atividades e o próprio texto. O caderno apresenta um povo indígena do Amazonas, com suas especificidades culturais. Neste sentido, é bom proporcionar reflexões para perceber diferenças em relação aos povos indígenas que vivem na sua região.

e) Buscar informações adicionais ou procurar contato com pessoas ou instituições envolvidas na luta dos povos indígenas. Incentivar a pesquisa científica. Através da internet é possível encontrar informações sobre diferentes povos indígenas do Brasil e do mundo. Há várias pesquisas já realizadas sobre os Kanamari que podem auxiliar no estudo.

f) Verificar a possibilidade de visitar uma comunidade indígena que vive em sua região ou trazer um grupo de indígenas para uma conversa com crianças e jovens.

g) Avaliar com o grupo as atividades e reflexões realizadas, para, juntos, planejarem o assunto e as atividades do próximo encontro.

Além do caderno, também há o cartaz como importante recurso pedagógico. A pessoa que orienta pode sugerir que cada qual faça a sua leitura e interpretação do cartaz, identificando aspectos da cultura e cosmovisão Kanamari, que mostram características diferenciadas ou relacionadas com nossa forma de viver.

Com o cartaz, podem ser programadas outras atividades, como: utilizá-lo para introduzir o assunto; convidar crianças e jovens para representarem as cenas que são mostradas no caderno; utilizá-lo para divulgação de aspectos da cosmovisão, da cultura e da história de vida do povo Kanamari; montar um quebra-cabeça ou outro jogo; fazer uma releitura mediante desenho, construção de maquete, montagem em papel.

O caderno e o cartaz são dois subsídios organizados com a finalidade de contar e trazer informações sobre a vida de povos indígenas que vivem em território brasileiro. Assim, são um bom material e uma boa oportunidade para refletir sobre a história e a cultura Kanamari.



PARA SABER MAIS

PESQUISA NA INTERNET

Caderno para a sala de aula como textos, mitos, fotos, desenhos, histórias e bibliografia:

www.comin.org.br

O CIMI disponibiliza informações atualizadas e posicionamentos frente à política indigenista do governo:

www.cimi.org.br

O ISA disponibiliza informações atualizadas e indicação de literatura sobre os povos indígenas:

www.socioambiental.org.br

LIVROS

ALTMANN, Lori. Diversidade religiosa na Perspectiva Indígena. In: KRONBAUER, Selenir C. G. STRÖHER, Marga J. *Educar para a convivência na Diversidade*. Desafio à formação de professores. São Paulo: Paulinas, 2009.

FERREIRA, Bruno. *Diálogos Interculturais: Identidades indígenas na escola não indígena*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2006.

FIGUEROA, Ana Claudia. *Poder feminino Kanamari no ritual do Kohanan*. julho de 2006. www.comin.org.br

LABIAK, Araci Maria. *Frutos do céu e frutos da terra: aspectos da cosmologia Kanamari no Warapekom*. Manaus: EDUA, 2007.

PREZIA, Benedito. *Esta terra tinha dono*. São Paulo: CEHILA POPULAR/CIMI, 1992.

SASS, Walter (Org.). *Tâkuna: Nawa Bûh Amteiyam Amkira – Mitos Kanamari*. São Leopoldo: COMIN/OIKOS, 2007.

SILVA, A. Lopes da; GRUPIONI, Luis D. B. *A temática indígena na escola – Novos Subsídios para professores de 1ª e 2ª séries*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

VÍDEOS

CONFIRA NAS LOCADORAS



Tukuna Nawa Itsunim
Nosso mundo Kanamari

PowerPoint encontrado no
site www.comin.org.br



Série de DVDs
Cineastas
Indígenas



Confira também os vídeos do Projeto Vídeo nas Aldeias com cineastas indígenas. www.videonasaldeias.org.br/



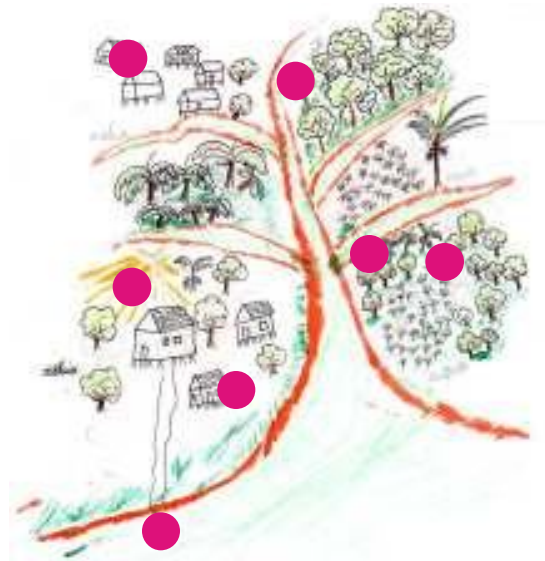
Terra Vermelha,
de Marco Bechis.
Itália/Brasil: 2008

Soluções

CAÇA-PALAVRAS DA PÁGINA 11

B	H	J	R	M	I	L	H	O	R
G	V	K	X	B	H	J	M	C	C
O	F	C	A	J	U	E	L	I	A
I	B	U	N	M	K	I	L	O	N
A	C	P	V	B	A	N	A	N	A
B	X	U	Z	I	N	H	L	J	V
A	Q	A	S	A	Z	A	H	J	C
V	C	Ç	B	N	M	M	K	L	A
T	R	U	E	A	X	E	C	B	R
M	A	R	A	C	U	J	Á	R	Á

JOGO DAS 7 DIFERENÇAS – p. 6



NOME DOS CESTOS - p. 15

BALAIO
PANEIRO
PEIRA



ISAEC - DAI - COMIN
Caixa Postal 14 - Cep: 93001-970
São Leopoldo/RS Fone/Fax: 51. 3590.1440
comin@est.edu.br www.comin.org.br

